

Todo poder emana da língua

Cenatexto

No dia seguinte ao da contenda mostrada na aula anterior, nosso cantador, Zé dos Anjos, ficou deveras amuado. Sentiu que, devido à tão feia derrota, iria perder todo o respeito que havia conquistado entre os moradores da pequena cidade. Veja só quanta tristeza:

Terminada a pesada lida diária – naquele dia ainda mais pesada – o violeiro foi ao bar do amigo Juvenal fazer o que faz há vinte e seis anos: tomar uma abrideira, enquanto a janta ficava pronta. Mas, antes não tivesse ido; pois, foi logo escutando:

– Dizem que ontem você fez feio lá no terreiro de Nastácio. Eu nem acreditei – começou o Juvenal, provocando o antigo freguês, enquanto lhe servia a cachaça.

– ‘Tão dizendo, é? Pois diga a quem lhe disse que vá fazer o que eu fiz.

– E quem há de? Patos inteira sabe que cantador como você não nasceu ainda.

Pra mim, você canta como uma vitrola – afirmou Juvenal mudando o tom da conversa, por perceber que o violeiro estava bravo como uma onça com aquele assunto.

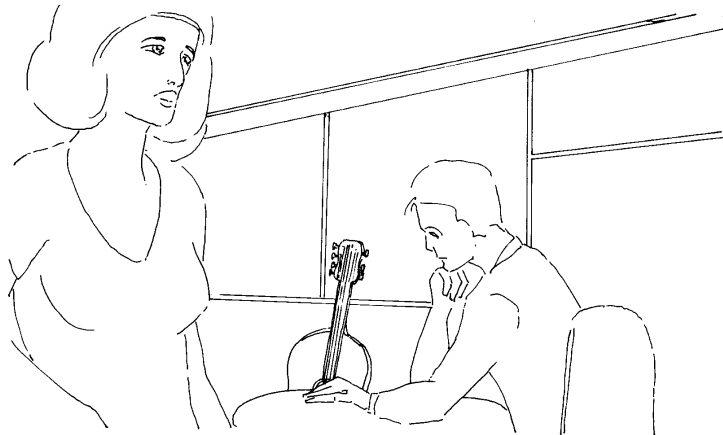
– Conte mais, Juvenal, sobre o que contaram pra você.

– O amigo pode ficar vexado.

– Vexado já fiquei. Tantas vezes elogiado; já consegui desatar tanto nó em martelo, e agora me vi sem saber o que reponder.

– É. Osias é muito sabido. Fala de coisa que a gente nem imagina que existe.

– Mas, Juvenal, me responda: desde quando a cantoria precisou desses assuntos? O trabalho do cantador é apertar o adversário com o repente, com coisa que ele não espera. Não espera, mas conhece. Como é que alguém pode querer que eu cante o que não sei? As coisas que a vida ensina sei mais que qualquer um. Mas, falar de “Contistuição”, Latona?! Isso não!



Zé dos Anjos, indignado, continuava bebendo e falando. Falava mais para si que para Juvenal, que tinha muitos fregueses para servir. Um freguês, vendo o violeiro alterado, quis pôr mais lenha na fogueira:

– É uma maldade a gente ver a carreira de um cantador tão bom, acabar assim da noite pro dia.

Percebendo o que o outro queria, Zé dos Anjos evitou que as palavras lhe saíssem sem controle. Assim como fazia nos desafios, não perdeu a compostura e, muito pausadamente, falou:

– Um dia é da caça, outro do caçador. Já aprendi cada coisa nessa vida, não serão esses floreios que vão me derrubar. Alguém há de me ensinar o que significam essas patacoadas de Cibele, Ísis, Latona e Vulcano.

Esgotado por tantos dissabores, o pobre homem achou por bem ir logo para casa. E assim o fez.



Parece que o dia seguinte à contenda não foi muito bom para Zé dos Anjos. Segundo vimos, ele ficou muito **amuado**. Por isso mesmo, depois da **lida** diária, foi refrescar a cabeça no bar do Juvenal. Você sabe o que é **amuado** e **lida** diária? Veja:

amuado. Adj. 1. Que tem amuo; mal-humorado, aborrecido. 2. Que se afasta ou retrai agastado ou melindrado.

lida. S. f. 1. Ato ou efeito de lidar. 2. Trabalho.

1. Procure o significado destas palavras e escreva em que sentido elas foram usadas na Cenatexto:

a) vexado:

b) compostura:

c) indignado:

d) alterado:

e) floreio:

2. Leia esta frase: “ *foi tomar uma abrideira enquanto a janta ficava pronta*”. Pelo contexto, é possível saber, mesmo que não conheçamos a palavra, o que significa **abrideira**. Escreva com suas palavras, o sentido da frase mencionada acima:

.....

3. Zé dos Anjos, em sua última fala da Cenatexto, usa a palavra **patacoada**. Copie do dicionário seu significado de acordo com a Cenatexto:

.....



Dicionário

Entendimento

1. “Zé dos Anjos ficou, *deveras, amuado*.” Por que Zé dos Anjos se sentiu assim? Ele receava o que, a partir daquele dia?
2. Identifique na Cenatexto, a frase que mostra que o dia seguinte ao da derrota não modificou a rotina diária de Zé dos Anjos.
3. Que atitude do Juvenal demonstra que ele decidiu mudar sua postura em relação a Zé dos Anjos, ao perceber que este ficara uma *onça com aquele assunto*?
4. Que atitude de Zé dos Anjos demonstra que ele agiu, no bar do Juvenal, como agia nos desafios, isto é, sem perder a compostura?
5. Mostre que mudança significativa aconteceu com Zé dos Anjos, desde o momento em que ele entrou no bar até quando respondeu ao freguês que o provocara.



Aprofundando

Sabemos que as palavras ou expressões podem ter *sentido conotativo* (sentido figurado). Às vezes, frases inteiras têm esse sentido, como é o caso dos provérbios. Na Cenatexto há várias frases e expressões usadas com esse sentido.

1. Explique o sentido das expressões abaixo. Caso não as conheça, analise o contexto, a situação em que foram usadas:

a) “Um dia é da caça; outro, do caçador.”

.....

b) “Quis pôr mais lenha na fogueira.”

.....

c) “Não serão esses floreios que vão me derrubar.”

.....

Nos textos que aparecem na seção **Arte e vida**, que em geral são textos literários, os autores utilizam, com frequência, uma linguagem figurada. Ela é composta de certas expressões que apresentam características diferentes da linguagem cotidiana. Esses recursos expressivos formam *figuras de linguagem* e servem para dar ao texto outras significações, para torná-lo mais poético, mais rico e mais belo.

A linguagem figurada dá origem a *figuras de estilo* que servem para dar mais força, mais vigor e expressividade às idéias, às emoções e aos fatos. Na aula de hoje, você vai trabalhar com duas dessas figuras: a *comparação* e a *metáfora*.

Você viu que, na Cenatexto, há palavras e expressões que não foram usadas no sentido denotativo. Veja:

“O violeiro estava bravo como uma onça com aquele assunto.”

Ao se caracterizar o personagem como uma onça, temos uma **comparação**. Também na fala cotidiana fazemos uso dessa figura. Observe:

- *É surda como uma porta*
- *Mais pobre do que rato de igreja.*
- *Este cara é mais venenoso que cascavel.*
- *Sentir-se como peixe fora d'água.*

A **comparação** é uma figura de linguagem que consiste na aproximação de dois termos pela possibilidade de associação entre eles. Algumas conjunções (**como, tal, qual, que, do que, tanto, assim como** etc.) são utilizadas para fazer a aproximação entre os termos da comparação.

2. Estabeleça comparações usando elementos comuns entre os termos comparados:

- a) O lugar estava como um formigueiro.
- b) Osias era como um touro.
- c) Juvenal era como um cão de guarda.
- d) O freguês era como uma cascavel.

Indique outras comparações que você conhece.

A outra figura de linguagem que você vai ver é a **metáfora**. Muitas vezes estabelecemos comparações de uma forma sintética, isto é, sem usar **conjunções** que estabeleçam a comparação. A frase "*O violeiro estava bravo como uma onça*" poderia ser escrita assim: "*O violeiro estava uma onça.*" Desse modo, transformamos a comparação em metáfora. A palavra **metáfora** vem do grego *mataphorá*, que significa *transferência* (isto é, transferência de sentido de uma área para outra). Veja esta frase:

Você é a luz da minha vida.

Nesse caso, *luz* é uma metáfora para dizer que alguém é importante para a gente. Com o uso da metáfora, podemos criar um mundo novo, da fantasia ou da imaginação. Por isso, as metáforas são freqüentemente usadas na linguagem literária.

3. Transforme em metáforas as comparações a seguir, conforme o modelo:

Comparação: Zé dos Anjos é esperto *como* uma águia.

Metáfora: Zé dos Anjos é uma águia.

- a) A cantoria vicia *como* uma cachaça.
- b) Juvenal bebe *como* um gambá.
- c) Osias escorrega *como* um sabão.



Reescritura



Zé dos Anjos voltou para casa com a cabeça quente. Ora pensava em aprender mais e mais palavras; ora imaginava o que os amigos poderiam estar dizendo de sua derrota. As informações maldosas do Juvenal ficaram em sua cabeça, impedindo que ele caísse logo no sono. Lembrava-se da fala:

“Dizem que você fez feio.”

e punha-se a imaginar todo o falatório:

“Coitado do Zé dos Anjos, engasgou-se ao ouvir Latona, Isis, Vulcano”; “O pobre nem sabia o que era Constituição” “Zé dos Anjos elogiou Osias e esse disse que nem conhecia a família dele...”

Considerando as Cenetextos das últimas aulas, crie as falas que teriam originado os seguintes comentários de Juvenal.

1. *“Patos inteira sabe que cantador como você não nasceu ainda.”*

.....
.....
.....
.....

2. *“Você canta como uma vitrola.”*

.....
.....
.....



Nestas duas últimas aulas, quase todos os conflitos tiveram origem numa cantoria entre os personagens Zé dos Anjos e Osías. Veja o texto de Graciliano Ramos que serviu de motivo para a Cematexto da Aula 35. Antes, porém, leia, no final da aula, um pouco sobre a vida e obra desse grande escritor brasileiro.

Inácio da Catingueira e Romano

Li, há dias, numa revista a cantoria ou “martelo” que, há perto de setenta anos, Inácio da Catingueira teve com Romano, em Patos, na Paraíba. Inácio da Catingueira, um negro, era apenas Inácio; Romano, pessoa de família, possuía um nome mais comprido - era Francisco Romano de Teixeira, irmão de Veríssimo Romano, cangaço e poeta, pai de Josué Romano, também cantador, enfim, um Romano bem classificado, cheio de suficiência, até com alguns discípulos.

Nessa antiga pendência, de que se espalharam pelo Nordeste muitas versões, Inácio tratava o outro pelo “meu branco”, declarava-se inferior a ele. Com imensa bazófia, Romano concordava, achava que era assim mesmo, e de quando em quando introduzia no “martelo” uma palavra difícil com intuito evidente de atrapalhar o adversário. O preto defendia-se a seu modo, torcia o corpo, inclinava-se, modesto: “Seu Romano, eu só garanto é que ciência eu não tenho”.

Essa ironia, essa deliciosa malícia negra, não fez mossa na cara de Francisco Romano, que recebeu as alfinetadas como se elas fossem elogios e no fim da cantiga esmagou o inimigo com uma razoável quantidade de burrices, tudo sem-nexo, à toa: “Latona, Cibele, Ísis, Vulcano, Netuno...” Jogou o disparate em cima do outro e pediu a resposta, que não podia vir Vulcano, naturalmente, porque Inácio era analfabeto, nunca ouvira falar em semelhantes horrores e fez o que devia fazer - amunhecou, entregou os pontos assim: “Seu Romano, desse jeito eu não posso acompanhá-lo. Se desse um nó em ‘martelo’ viria eu desatá-lo. Mas como foi em ciência, cante só que eu já me calo”.

Com o entusiasmo dos ouvintes, Romano, vencedor, ofereceu umas palavras de consolação ao pobre do negro, palavras idiotas que serviam para enterrá-lo.

Isso aconteceu há setenta anos. E desde então, o herói de Patos se multiplicou em descendentes que nos têm impingido com abundância das variantes de Cibele, Ísis, Latona, Vulcano etc.

Muita gente aceita isso. Nauseada, mas aceita, para mostrar sabedoria, quando todos deviam gritar, honestamente que, tratando-se de “martelo”, Netuno e Minerva não têm cabimento.

Inácio da Catingueira, que homem! Foi uma das figuras mais interessantes da literatura brasileira, apesar de não saber ler. Como seus olhos brindados de negro viam as coisas! É certo que temos outros sabidos demais. Mas há uma sabedoria alambicada que nos torna ridículos. (...)

Fonte: *Viventes das Alagoas, quadros e costumes do Nordeste*. Graciliano Ramos. São Paulo, Martins, 1972, 4ª ed., págs. 137-8.



Graciliano Ramos nasceu em Alagoas em 1892 e morreu no Rio de Janeiro em 1953. Considerado um clássico da literatura brasileira, sua obra já foi estudada e traduzida nos Estados Unidos, na Alemanha, na Rússia, na Polônia e na França, entre outros países. Graciliano dominava a técnica narrativa com linguagem muito precisa, descrevendo ambientes cheios de força humana e sempre analisando a psicologia de seus personagens. Suas obras mais conhecidas são: *Angústia; Vidas Secas; São Bernardo; Caetés; Insônia; História de Alexandre*.